

ARQUEOTURISMO NA CORVETA CAMAQUÃ: UM MUSEU EM MAR ABERTO

Carlos Rios¹

André Felipe Mozzini Hüther²

Lucas Barbosa Lins²

Eric Henrique Silva de Moura²

Resumo: O litoral de Pernambuco possui 187,5 km de praias e uma estimativa de 300 naufrágios que vão desde os primórdios de sua história colonial até a atualidade. O Parque de Naufrágios existente em seu mar adjacente está constituído por 41 embarcações, das quais pouco se sabe e algumas nem o seu nome. Em face às condições excepcionais de temperatura e visibilidade da água, bem como a diversidade de artefatos náuticos soçobrados, Recife é considerada pela mídia brasileira como a capital brasileira do mergulho em naufrágio. Nesse contexto, utilizando o viés do Arqueoturismo Subaquático, o trabalho tem como objetivo a transformação de um sítio de naufrágio em um museu em mar aberto, como já ocorre em alguns países da Ásia, Europa e da América do Norte que, por enquanto, é teórico e pioneiro no Brasil e tem como protótipo a Corveta Camaquã.

Abstract: The coast of Pernambuco has 187.5 km of beaches and an estimated 300 shipwrecks ranging from the beginnings of its colonial history to the present. The existing Wreck Park in its adjacent sea is made up of 41 vessels, of which little is known and some not even its name. In view of the exceptional conditions of temperature and water visibility, as well as the diversity of sunken nautical artifacts, Recife is considered by the Brazilian media as the Brazilian capital wreck dive. In this context, using the bias of Underwater Archaeotourism, the paper aims at the transformation of a wreck site in a museum in the open sea, as already occurs in some countries in Asia, Europe and North America that, for now, is theoretical and pioneer in Brazil and its prototype Corvette Camaquã.

1 Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

2 Discente do Curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

INTRODUÇÃO

Na América do Sul existem cerca de 11.000 naufrágios. Na costa brasileira que possui dimensões continentais, com 7.367 km³, ocorreram cerca de 3.000 naufrágios em mais de 500 anos, isto sem falar nos soçobramentos em outros corpos d'águas, tais como rios e lagos (RIOS, 2010).

Apesar de ter um número considerável de naufrágios, observa-se que nenhum dos estados brasileiros utiliza o potencial do Arqueoturismo como ferramenta para pesquisas subaquática, divulgação do patrimônio arqueológico submerso, turismo cultural ou disseminação da mentalidade marítima do povo brasileiro.

Ao se analisar o estado de Pernambuco, pode-se verificar que, devido à sua história, a privilegiada posição geográfica⁴, dentre outros fatores ele tem vocação direta com a navegação marítima, mas não utiliza essa maritimidade a contento.

Nos primórdios da navegação marítima as embarcações que cruzavam os mares eram de propulsão à vela⁵, sendo assim não navegavam, normalmente, contra a corrente. Os navios saíam da Europa, passavam próxima costa da África e seguiam pela corrente de Benguela até as águas territoriais brasileiras. Foi em uma dessas missões exploratórias que o estado de Pernambuco passou a ter o primeiro naufrágio descrito em diário de bordo do Brasil⁶.

Recife é considerada a capital brasileira do mergulho em naufrágio. No Parque de Naufrágios existem aproximadamente 300 embarcações soçobradas, porém apenas 50 são conhecidas e 41 são realmente visitadas, entretanto Pernambuco não é o estado detentor do maior número de cascos soçobrados. Dentre os dezessete Estados que possui litoral, esse título cabe, ao menos teoricamente, ao Rio de Janeiro, com 351 naufrágios (RIOS, 2010), Pernambuco, de acordo com o site "Naufrágios do Brasil", se enquadra como o oitavo estado neste quesito. O

3 IBGE, 2014.

4 A bifurcação da corrente de Benguela (Sul Equatorial), que se divide nas correntes marítimas do Brasil e da Guiana (GARRISON, 2010).

5 Navios que se movem pela ação do vento em suas velas.

6 Nau Capitânia de Gonçalo Coelho, cujo soçobramento se deu em 10 de agosto de 1503 (PEREIRA DA COSTA, 1983).

somatório destes fatores reforça o atrativo para as modalidades de mergulho conhecidas como Mergulho em Naufrágios e Caça Submarina.

Com referência a distribuição espacial dos naufrágios no estado de Pernambuco, pode-se dizer que os soçobramentos se estendem do litoral norte (Goiana) ao sul (Sirinhaém). As concentrações de naufrágios no período da navegação a vela se dão, mormente nos portos de Recife e Suape, motivados pelo alto fator de risco no momento que é a entrada ou saída do porto, instante no qual a embarcação estaria mais sujeita a três dos oito fatores causadores de naufrágios existentes (RIOS, 2011).

Devido ao grande número de embarcações soçobradas ainda não descobertas o Parque de Naufrágios deve ser ampliado com o passar dos anos, agregue-se também o aumento de naufrágios propositais que vem sendo efetuado desde 1990.

O presente artigo tem por objetivo a criação de uma proposta museológica de um patrimônio submerso, no caso o sítio de naufrágio da Corveta Camaquã, localizado no litoral pernambucano. Tal proposição está embasada em conceitos de visitação museológica, ação promocional turística e pesquisa arqueológica marítima, de modo que se efetue um circuito de visitação utilizando o mergulho como ferramenta acessória a essa interdisciplinaridade.

Proposta para o Arqueoturismo Subaquático em Pernambuco

O Arqueoturismo subaquático já ocorre em alguns países da Ásia, Europa e da América do Norte. Como exemplos, seguem alguns sítios submersos: Caesarea (Israel); Flórida Keys National Marine Sanctuary (EUA); Kronprins Gustav Adolf (Finlândia); Sítios de Naufrágios Protegidos (Croácia), Ústica (Itália) e Wellington (Nova Zelândia)⁷, mas infelizmente no Brasil ainda não se tornou uma realidade por falta de políticas públicas dos governos nas três esferas do Poder (Federal, Estadual e Municipal), bem como pelo desinteresse da Marinha do Brasil

7 Underwater Museums, Unesco, 2014.

(MB), em que pese essa não ser uma das suas missões basilares⁸ e dos centros de mergulhos sobre o assunto.

No que concerne a distribuição dos sítios de naufrágio em Pernambuco há uma verdadeira diversidade, tanto batimétrica quanto tipológica, existindo desde sítios visitáveis⁹ a 12 m de profundidade até a isóbata de 57 m, assim sendo serão produzidos alguns trabalhos científicos com isobatimétricas pertinentes as diversas categorias de mergulho¹⁰.

Para alcançar o efeito desejado, a metodologia empregada envolveu áreas do conhecimento pertinentes à Arqueologia Subaquática, Arte Naval, História Marítima, Turismo, Mergulho, Museologia e Preservação Patrimonial, que explora a interdisciplinaridade da Arqueologia, mas devido às especificidades retarda e dificulta a sua implantação.

O primeiro fator limitante para visitação do sítio de naufrágio da Corveta Camaquã é o mergulho que não está ao alcance de todos, apenas 20.000 brasileiros¹¹ estão credenciados nesse esporte aquático. O segundo é que o navio está em uma profundidade de 57 m, portanto trata-se de um mergulho Técnico, significando que, no Brasil, devido ao custo financeiro, somente 1% do universo de 20.000 mergulhadores está habilitado para essa categoria de mergulho¹², mas para o turista estrangeiro esse óbice não   tão significativo, podendo acarretar em uma nova fonte de divisas com todos os outros valores agregados¹³ a permanência do turista na cidade do Recife.

Ainda no que diz respeito ao mergulho, o que se está criando   uma nova modalidade "Arqueoturismo Cultural" onde o mergulhador de qualquer categoria ou certificadora vai adquirir novos conhecimentos sobre a história de um patrim nio arqueológico submerso, dados sobre arte naval da belonave, pertinentes aos aparelhos e acessórios a ela incorporados.

8 As duas principais missões da MB são a salvaguarda da vida humana no mar e a segurança da navega o.

9 Aqueles com visibilidade de no mínimo 1 m.

10 Básico (até 25 metros); Avançado (até 39 metros) e Técnico (de 40 metros em diante).

11 Comunica o pessoal do Cel. (BM) e mergulhador Josualdo Moura, instrutor credenciado por diversas institui es de mergulho recreativo, profissional e técnico, 2014.

12 Comunica o pessoal do instrutor de mergulho Josualdo Moura, 2014.

13 Despesas com hotel, alimenta o, passagens etc.

Para que se acessem as informações acima descritas, existem duas categorias de entrada, a primeira por meio de palestra ainda no centro de mergulho, ou seja, antes da saída para o mar ou durante o trajeto a caminho do naufrágio, a bordo da embarcação que vai levar os mergulhadores.

O mergulhador antes de efetuar os dois mergulhos naquele mesmo naufrágio, terá uma aula sobre a história do navio, bem como sobre os artefatos arqueológicos, mormente os bélicos daquele santuário militar, bem como sobre os equipamentos e acessórios existentes no mesmo e, ao efetuar a primeira imersão em mar aberto, estará acompanhado de um arqueólogo mergulhador¹⁴, fazendo um circuito externo (por questão de segurança não haverá penetração no interior do navio), pré-determinado, acompanhando as placas descritivas de cada parte da embarcação, como se estivesse em um museu em terra firme.

Depois de cumprido o intervalo de superfície, no segundo mergulho, o indivíduo estará acompanhado de sua dupla¹⁵, mas sem a supervisão do arqueólogo mergulhador, ficando assim livre para explorar com maior riqueza de detalhes o que mais lhe chamou atenção no mergulho anterior.

Todos esses procedimentos serão efetuados em consonância com as regras vigentes nos protocolos do Mergulho Técnico da International Association of Nitrox and Technical Divers (IANTD), com as Normas Técnicas da Marinha do Brasil (NORMAN), bem como serão observados os preceitos da Convenção da UNESCO sobre a proteção do Patrimônio Cultural Subaquático de 2001.

O enfoque museológico, como parcialmente descrito, ocorre no fundo do mar, por meio de 11 placas fixadas em poitas de 70 x 70 x 70 cm, confeccionadas em PVC, com letras pretas na fonte Arial Black, tamanho 72, com informações sobre partes significativas do navio. O circuito

14 Podendo ser também um biólogo, museólogo, historiador, turismólogo, desde que habilitado em mergulho.

15 Mergulho efetuado, por medida de segurança, em duplas (grupos de dois mergulhadores).

tem 100 m de comprimento e será feito em até 20 minutos de permanência de fundo com mistura gasosa de Trimix¹⁶.

No tocante a abordagem turística das empresas de mergulho junto ao público alvo, a disseminação desse novo tipo de serviço cultural pela internet servirá como atrator para a fatia de mergulhadores que querem adquirir mais informações sobre um sítio de naufrágio e não mergulhar simplesmente para ver um navio sem conhecimento do seu contexto. Outros meios de disseminar essas informações são os *folders* deixados nos hotéis e a propaganda lançada na mídia televisiva e radiofônica.

Corveta Camaquã

Durante a Segunda Guerra Mundial alguns submarinos alemães e italianos atuaram no litoral brasileiro, causando o temor de um ataque às embarcações brasileiras e estrangeiras em águas territoriais nacionais¹⁷, como de fato veio a acontecer com vários estados da federação. Em Pernambuco foram torpedeados os navios mercantes Anadie (FR), Motocarline e Adelfots (GR) (ARAUJO, 2000). Impulsionados pelo clima de beligerância, os Aliados adotaram a tática de comboios protegidos por uma escolta naval e cobertura aérea para impedir mais ataques às embarcações (BARROS NETO, 2006).

Devido à falta de estrutura em praticamente todos os sentidos para fazer frente a uma guerra mundial e de uma esquadra deficiente em números, diversos navios da Marinha do Brasil passaram por alterações para que a sua frota tivesse um quantitativo numérico suficiente para aquelas missões de comboio de navios mercantes. Uma das belonaves que sofreram esta

16 Mistura gasosa elaborada a base de Hélio, Oxigênio e Nitrogênio.

17 O mar territorial brasileiro compreende uma faixa de doze milhas marítima de largura, medidas a partir da linha de baixa-mar do litoral continental e insular, tal como indicada nas cartas náuticas de grande escala, reconhecidas oficialmente no Brasil. (LF n° 8.617/93).

adaptação foi o navio mineiro¹⁸ da Classe Carioca (figura 01), que foi transformado em corveta¹⁹ (figura 02).



Figura 1: Configuração original da Camaquã. Navio mineiro Camaquã. Foto: Maurício Carvalho.



Figura 2: Configuração final da Camaquã. Corveta Camaquã. Foto: Maurício Carvalho.

Depois de completar 4 anos e 44 dias de serviços no mar, escoltar próximo de 700 navios, efetuar 15 patrulhas e mais de 50.000 milhas náuticas navegadas a Camaquã soçobra. O fator hidrometeorológico²⁰ (RIOS, 2010) pode ser considerado como uma das causas do naufrágio,

18 Lançador de minas (CHERQUES, 1999).

19 É um moderno navio de combate de 500 a 1.200 toneladas de deslocamento, boa mobilidade, velocidade moderada em torno de 15 nós, destinado à patrulha antissubmarino e socorros marítimos (CHERQUES, 1999).

20 Fator relacionado às mudanças climáticas, correntes, dentre outros (RIOS, 2010).

uma vez que a embarcação foi atingida por três sequências de ondas que culminaram no sinistro, a outra é pertinente ao fator humano, uma vez que o navio havia gasto boa parte do seu combustível e não tinha lastrado os tanques com água salgada para minimizar o balanço e baixar o centro de gravidade.

No tocante aos dados do navio, ela era segundo Barreto Neto (2006): "Corveta de ferro, da Marinha do Brasil, construída no Arsenal de Marinha RJ, quilha²¹ batida²² em 22 de outubro de 1938, lançada²³ ao mar em 16 de setembro de 1939 e incorporada²⁴ em 07 de junho de 1940. Possuía as seguintes dimensões: 57 m de comprimento, 7,8 m de boca²⁵ e 2,5 m de calado²⁶. Seu sistema de propulsão consistia em duas caldeiras e duas máquinas alternativas, gerando cerca de 1.300 horse-power (HP), deslocava 550 toneladas".

A Camaquã está na posição 07°50'633"S e 034°29'699"W, a 27 milhas do litoral, pelo través da praia de Maria Farinha, na cota de 57 m, com visibilidade variando entre 20 e 50 m. Naufragou no dia 21 de julho de 1944 e seu último comandante foi o Capitão-de-Corveta Gastão Monteiro Moutinho, desaparecido no naufrágio. Está em razoável estado de conservação e permanece com parte do seu armamento espalhado pelo solo marinho. Uma parcela do material retirado dela por mergulhadores de Pernambuco encontra-se em exposição no Espaço Cultural da Marinha no Rio de Janeiro e a outra com particulares (RIOS, 2010).

Durante o mergulho é possível encontrar ossos humanos (mandíbula, tíbia e fíbula) das vítimas do naufrágio, espalhados pelo leito marinho, dessa forma a Corveta Camaquã pode ser considerada também um sítio santuário de heróis da Segunda Guerra Mundial em águas brasileiras.

21 Peça estrutural básica de embarcação (CHERQUES, 1999).

22 Início da construção da quilha (CHERQUES, 1999).

23 Data em que a embarcação foi lançada pela primeira vez ao corpo d'água.

24 Data de incorporação à Marinha do Brasil

25 Distância máxima horizontal de uma lateral a outra (CHERQUES, 1999).

26 Distância vertical medida da linha de flutuação à face inferior da quilha (CHERQUES, 1999)

Circuito e Placas

No que concerne a ordenação dos dados para a distribuição e disposição do circuito, apresentar-se-á apenas a parte externa da embarcação, acessórios e apêndices (proa, costado, hélice, lemeâncora, pau de carga). Serão dispostas onze placas no circuito, da primeira à última respectivamente, fazendo alusão à:

- Informações sobre o navio;
- Âncora, ainda presa ao costado, que demonstra sua condição de navegação no momento do sinistro;
- Condição intacta do costado²⁷, o que refuta o mito criado por uma parcela da população de que o navio teria naufragado por torpedeamento causado por submarino;
- Instrumentos de navegação e propulsão do navio;
- Cargas de profundidade, armamento explosivo de combate a submarinos, que se espalharam pelo leito marinho após o naufrágio;
- Pau de carga ou turco, apêndice da embarcação que servia para embarque e desembarque de carga;
- Timão e Bitácula²⁸, instrumentos que serviram para dar direção e orientam à embarcação durante sua singradura;
- Ponte de comando, estrutura de comando da embarcação, cuja deterioração acabou se desmantelando;
- Armamentos da embarcação localizados à proa, compostos pelo canhão de 102 mm, e metralhadoras 20 mm;
- Cabrestante, mecanismo utilizado para lançar e recolher as âncoras;
- Placa final que agradece aos mergulhadores pela visita e colaboração quanto à preservação e manutenção do sítio de naufrágio.

27 Parte do forro exterior do casco da embarcação a plena carga, acima da linha de flutuação. (CHERQUES, 1999).

28 Pedestal fixo na ponte de comando, onde se aloja a agulha de marear (CHERQUES, 1999).



Figura 03: Croqui da Corveta Camaquã (Fonte: M. Carvalho, modificado) e placas informativas.

Espera-se que essa nova modalidade de mergulho venha a cooptar um maior número de adeptos, haja vista o novo produto oferecido e o despertar por parte da comunidade de mergulho pela maritimidade, bem como a criação de uma identidade marítima. Outros naufrágios serão objeto de estudo, só que em profundidades distintas de modo a permitir que outras categorias de mergulhadores possam usufruir do patrimônio subaquático existente no Parque de Naufrágios de Pernambuco.

Referência

ARAÚJO, J. G. Naufrágios e afundamentos: costa do Brasil - 1503 a 1995. Salvador: IGHB, 2000.

BARRETO NETO, R. C. Flores ao mar: os naufrágios navais brasileiros na Segunda Guerra Mundial. Salvador: Presscolor, 2006.

BOITEUX, B. T.; WERNER, M. Introdução ao estudo do turismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

BRUNO, M. C. O. Musealização da Arqueologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 1999.

BRUNO, M. C. O. Museologia e turismo: os caminhos para a educação patrimonial. São Paulo: Coordenadoria de Ensino Técnico, 1998.

CHERQUES, S. Dicionário do Mar. São Paulo: Globo, 1999.

DIRETORIA DE PORTOS E COSTAS (BRASIL). Normas da Autoridade Marítima para Pesquisa, Exploração, Remoção e Demolição de Coisas e Bens Afundados, Submersos, Encalhados e Perdidos Normam -10. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2003.

DIRETORIA DE PORTOS E COSTAS (BRASIL). Normas da Autoridade Marítima para as Atividades Subaquáticas Normam -15. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2003.

FONSECA, M. M. Arte Naval. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2005.

GARRISON, T. Fundamentos da Oceanografia. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GUEDES, M. J. História Marítima do Brasil. Rio de Janeiro: Ministério da Marinha, Serviço de Documentação, 1986.

IBGE. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 17.12.2014.

La convención de la Unesco sobre la protección del Patrimonio Cultural Subacuático. Paris: 2001.

LEI FEDERAL N° 8.617/93 que dispõe sobre o mar territorial, a zona contígua, a zona econômica exclusiva e a plataforma continental brasileira, e dá outras providências.

MAURÍCIO, C. Naufrágios do Brasil. Disponível em: <www.naufragiosdobrasil.com.br>. Acesso em: 17.12.2014.

MENDONÇA, M. F.; VASCONCELOS, A. Repositório de Nomes dos Navios da Esquadra Brasileira. 3ª ed. Rio de Janeiro: SDGM. 1959.

NOMAR - Notícias da Marinha, Rio de Janeiro, SRPM, n.º 503, jul. 1985; n.º 539b, jul. 1988; n.º 590, out. 1992.

PEREIRA DA COSTA, F. A. Anais Pernambucanos. 2ª ed. Recife: Fundarpe, 1983.

PETROCCHI, M. Turismo: planejamento e gestão. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

RIOS, C. Arqueologia subaquática: identificação das causas de naufrágio nos séculos XIX e XX na costa de Pernambuco Tese (Doutorado em Arqueologia), Recife: UFPE, 2010.

RIOS, C.. Subsídios para a Arqueologia Subaquática: Fatores Causadores de Naufrágios. Rio de Janeiro: Navigator, 2011.